

Resenhas

a democracia e suas brechas totalitárias

VITOR OSÓRIO

Simone Weil. *Pela Supressão dos Partidos Políticos*. Tradução de Lucas Neves. Editora Âine, Belo horizonte, 2016, pp. 107.

A democracia não foi capaz de criar barreiras aos fascismos e fascistas. Aos que se interessam pela ampliação da liberdade, é preciso pensar o que existe no próprio funcionamento da democracia que propicia a emergência de tais governos e condutas. Nesse sentido, o livro de Simone Weil, *Pela supressão dos Partidos Políticos*, auxilia e indica que a própria existência dos partidos políticos, a despeito de suas posições, não configura uma barreira aos fascismos, mas, sim, às liberações.

No ano de 1933, ao indagar diretamente Trotsky e refletir sobre os efeitos da revolução russa, Simone Weil afirmou que é somente no exercício de um pensamento liberado da servidão que as relações de opressão podem ser ultrapassadas. No mesmo ano Weil escreveu *Allons-nous vers la révolution prolétarienne* (Vamos para a revolução proletária?) onde sublinhou que a opressão ao proletariado

Vitor Osório é pesquisador no Nu-Sol e doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: vitor.free@gmail.com.

é efeito das técnicas de produção industrial capitalistas presentes tanto no nazismo, fascismo ou mesmo stalinismo: para que o proletariado se emancipe, seria preciso acabar com as técnicas de produção capitalista. Para Weil, a superação da opressão não está confinada a uma ideia que se realizará no futuro, não pode ser um fim, mas se dá no presente. Desta maneira, próxima dos anarquistas – conviveu com Jean Maitron e Daniel Guérin, na década de 1920 –, assim como alertou Emma Goldman, para Weil nenhum meio autoritário levará a um fim libertário.

Em 1934, abandonou a magistratura para viver como operária na fábrica da Renault, onde passa a operar uma fresa, máquina de movimento contínuo, destinada a moldar metais e outros materiais sólidos inventada, em 1818, pelo estadunidense Eli Whitney, visando a fabricação de peças de rifles. A ferramenta é utilizada até hoje nas indústrias para transformar *peças brutas* em *peças acabadas com formas e dimensões desejadas*. Segundo seu manual de instruções, os corpos daqueles que a operam estão sujeitos a cortes por materiais ou na própria ferramenta; queimaduras por contato com superfícies e temperaturas extremas; agarramento, arrastamento, esmagamento, entalamento e desrespeito aos princípios ergonômicos. Durante sua experiência como operária, abolindo a distinção entre trabalho manual e intelectual, Weil manteve o periódico *Journal d'usine* (Jornal da fábrica) onde observou, a partir da própria experiência, que a exaustão a fez esquecer as verdadeiras razões pelas quais estava na fábrica. Segundo ela, a vida na fábrica traz consigo a tentação de não mais pensar. Concluiu que a opressão não leva à rebelião, mas sim à obediência, à apatia e à internalização dos valores opressores.

Em 1936, mesmo possuindo intensa miopia, Weil se juntou a Coluna Durrutti, destacamento anarquista levado adiante por Buenaventura Durrutti durante a Revolução Espanhola de onde é obrigada a voltar a Paris por conta de um grave ferimento na perna. De lá, lutou pela libertação de militantes libertários presos pelas forças fascistas em território francês. É de Paris que redige, em 1940, o texto “Pela supressão dos partidos políticos” (Note Sur La Suppression Général des Partis Politiques), publicado pela primeira vez em 1950, sete anos após a sua morte.

O livro é redigido logo após a invasão dos países baixos e da França pelas tropas nazistas onde o governo do presidente Albert Lebrun, da Aliança Democrática, é dissolvido para a formação do Regime de Vichy, caracterizado pela colaboração com o governo da Alemanha nazista. Na época, alternavam-se no governo francês a Aliança Democrática, situada ao centro do espectro político, e o Partido Radical, mais à esquerda.

Pela Supressão dos Partidos Políticos foi publicado no Brasil em 2016, pela editora Âiné, com tradução do francês de Lucas Neves. A Âiné – palavra de origem persa, que significa “espelho” – é uma editora brasileira, com sede em Veneza, na Itália, e em Belo Horizonte, no Brasil. Foi criada em 2013 pelo brasileiro Pedro Fonseca e pelos italianos Simone Cristoforetti e Dhuane Fabbris. O livro de Weil faz parte da Biblioteca Antagonista, uma espécie de selo da Âiné, fruto de uma parceria entre a editora e o site jornalístico “O Antagonista” de propriedade dos jornalistas Diogo Mainardi, Mário Sabino e Claudio Dantas. Os autores selecionados, segundo eles para comporem a Biblioteca são “a expressão máxima do pensamento libertário que inspirou este site”. Além de Weil, compõem o grupo de autores Isaiah Berlim,

Emil Cioran, Johnatam Swift, Paul Valéry, Michael Oakshot, Daniel Giglione, Gertrude Stein, Alfonso Beradinelli, Joseph Roth e Robert Musil. Importante ressaltar que a utilização da palavra libertária neste contexto se aproxima da concepção neoliberal de libertarianismo, ou mesmo de de libertária do costume liberal estadunidense enquanto possibilidade de livre escolha de alocação de recursos para fins alternativos. A apropriação do termo libertário pelos liberais e neoliberais é também uma tática de esvaziamento das práticas anarquistas posto que libertário e anarquista são sinônimos desde o século XIX como resultante do terror de Estado contra os anarquistas. O site é um compilado de comentários políticos, que alimentam a polêmica contra a corrupção dos partidos políticos e organizações de esquerda brasileiras e latino americanas, fundamentados por denúncias e provas produzidas no interior das investigações contra a corrupção. Não se interessam pelo exercício do pensamento livre, mas sim na legitimação de verdades interessadas.

Certa vez, o filósofo Michel Foucault disse que o polemista é aquele que se volta a seu inimigo, a fim de fazer triunfar a justa causa da qual é ele o principal portador. Ainda segundo Foucault, a polêmica é o modelo político partidário por excelência já que tem como efeito produzir coalizão de interesses ao mesmo tempo em que faz do outro um inimigo portador de interesses opostos contra o qual é preciso lutar até que se submeta ou desapareça.

Atento a sua contundência, há exatos dez anos, Simone Weil foi publicada, no Brasil, pelo editor anarquista Robson Achiamé. Nesse sentido, próxima de uma crítica libertária notada por Achiamé, o texto de Weil se distancia da prática de quem o publica agora, já que não se trata de denunciar esse ou aquele partido, mas sim explicitar a opressão exercida por

qualquer partido: “um partido político é uma organização construída de modo a exercer uma pressão coletiva sobre cada um dos seres humanos que são membros dele” (p. 24). Weil não se presta a discutir as diferentes doutrinas dos partidos, já que, segundo ela, todas se equivalem em sua vagueza (p. 26). De acordo com a autora, qualquer concepção de bem público é inatingível e irreal: “por falta de pensamento, o partido se vê num estado contínuo de impotência que atribui sempre à insuficiência do poder de que dispõe” (p. 28). Dessa maneira, o crescimento do partido torna-se um critério do bem e esse estado de eterna impotência revela sua essência totalitária:

“É justamente por ser uma ficção, uma coisa vazia, sem realidade, que a concepção do bem público própria a este ou àquele partido impõe a busca da potência total. Toda realidade implica um limite. O que não existe não é jamais limitável” (p. 28).

Weil não pretende desvendar o lado obscuro dos partidos. Livre de idealizações, se dispõe a pensar sobre o que é evidente e real. Enquanto o sistema partidário perdurar, o texto é pertinente. Para ela o problema é a submissão do pensamento. Seja à ideia de revolução, seja ao partido, seja à exaustão da fábrica. As análises de Simone Weil nos mostram que a lógica partidária faz do exercício do pensamento livre um “desejo de conformidade com um ensinamento previamente estabelecido” (p.41) condicionado a escolha dessa ou daquela doutrina e suas possíveis renovações. No presente, para quem se interessa em destruir fascismos, é preciso libertar o pensamento e refletir sobre o tanto de totalitarismo que atravessa os procedimentos democráticos.